



Duas novas espécies de Ericaceae da Cadeia do Espinhaço, Brasil

Two new species of Ericaceae from Cadeia do Espinhaço, Brazil

Gerson Oliveira Romão¹ & Vinicius Castro Souza²

Resumo

Como resultado do levantamento taxonômico das espécies de *Gaylussacia* Kunth (Ericaceae), descrevem-se duas novas espécies, *Gaylussacia rupestris* G.O. Romão & V.C. Souza e *Gaylussacia luizae* G.O. Romão & V.C. Souza. Ambas estão restritas a algumas localidades da Cadeia do Espinhaço nos estados da Bahia e de Minas Gerais.

Palavras-chave: Bahia, Minas Gerais, taxonomia, Vaccinioideae.

Abstract

As a result of a taxonomic survey of *Gaylussacia* Kunth (Ericaceae), two new species are described, *Gaylussacia rupestris* G.O. Romão & V.C. Souza, and *Gaylussacia luizae* G.O. Romão & V.C. Souza. Both species are restricted to areas in the Cadeia do Espinhaço, Bahia and Minas Gerais states.

Key words: Bahia, Minas Gerais, taxonomy, Vaccinioideae.

Introdução

Durante a revisão taxonômica do gênero *Gaylussacia* Kunth (Ericaceae, Vaccinioideae), verificou-se a existência de duas novas espécies para a Ciência, as quais estão sendo aqui propostas: *Gaylussacia rupestris* G.O. Romão & V.C. Souza e *Gaylussacia luizae* G.O. Romão & V.C. Souza.

Ericaceae possui distribuição cosmopolita, ocorrendo principalmente nas regiões temperadas e subtropicais e abrangendo cerca de 160 gêneros e 4500 espécies (Luteyn *et al.* 1995). No Brasil, a família está representada por 12 gêneros e aproximadamente 90 espécies (Kinoshita-Gouvea 1979).

As Ericaceae variam desde subarbustos até árvores, algumas vezes lianas, epífitas ou ervas aclorofiladas e micotróficas. Apresentam tricomas unicelulares ou multicelulares, simples, dendríticos, glandulares ou lepidotos, às vezes com glândulas. As folhas são simples, alternas a opostas ou verticiladas, geralmente coriáceas. As flores são vistosas, sépalas e pétalas 3–7, livres entre si ou conadas integralmente ou apenas na base, com corola urceolada até campanulada ou infundibuliforme. Os estames são geralmente em número de 10, com anteras poricidas e o ovário súpero ou ínfero. Os frutos são do tipo baga, drupóide ou cápsula (Meissner 1863; Judd *et al.* 1999).

Material e Método

Foram analisados materiais dos principais herbários brasileiros e do exterior que possuem coleções significativas de *Gaylussacia*, incluindo os materiais-tipo das 51 espécies do gênero, segundo Sleumer (1967), Kinoshita-Gouvea (1981), Kinoshita (1995) e Silva & Cervi (1999), assim como dos respectivos sinônimos. Além disso, foram realizadas expedições ao campo para coleta de material ao longo da Cadeia do Espinhaço, nos estados de Minas Gerais e da Bahia.

Resultados e Discussão

Descrevem-se duas novas espécies para o gênero *Gaylussacia* (Ericaceae).

Gaylussacia rupestris G.O. Romão & V.C. Souza, *sp. nov.* Tipo: BRASIL. BAHIA: Abaíra, Campo de Ouro Fino: 13°15'S, 41°54'W, 1600-1700 m, 9.I.1992, fl. e fr., D.J.N. Hind & R.F. Queiroz 50046 (holótipo HUEFS!; isótipos K!, SPF!). Fig. 1

Suffrutex vel frutex, 0,3–1 m altus, virgatus. Trichomata sumpticia alba et trichomata glandulosa. Rami subdense pubescentes et sparse hispidati glandulosi. Folia 1,4–3,2 cm longa, 0,6–

¹ Universidade de São Paulo, Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Depto. Ciências Biológica, Piracicaba, SP, Brasil. goromao@esalq.usp.br

² Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Biologia, Depto. Biologia Vegetal, Campinas, SP, Brasil. vcsouza@esalq.usp

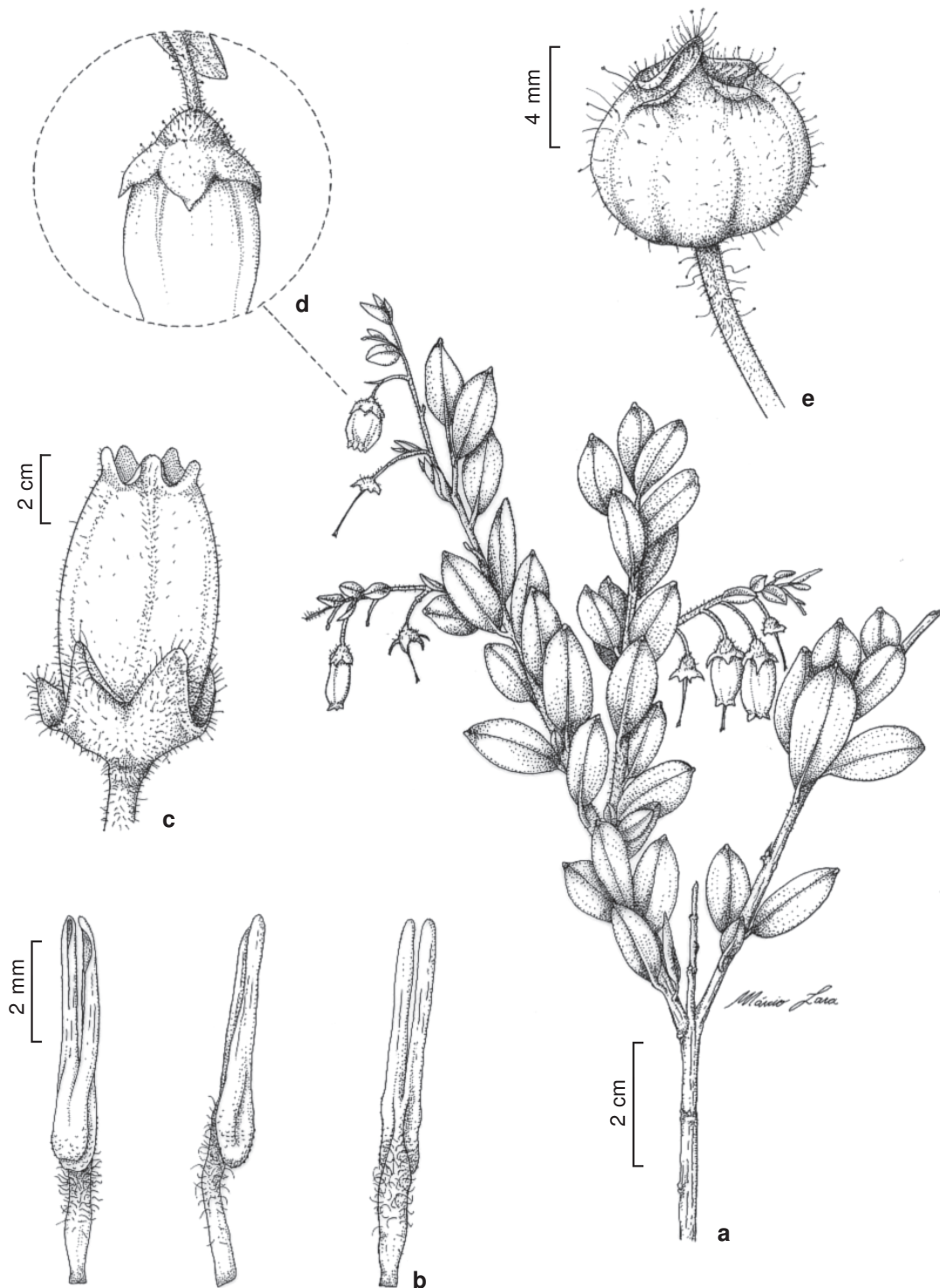


Figura 1– *Gaylussacia rupestris* G.O. Romão & V.C. Souza – a. ramo fértil; b. estames em vista frontal, lateral e dorsal; c. flor; d. detalhe do cálice; e. fruto (*Hind & Queiroz 50046*).

Figure 1 – *Gaylussacia rupestris* G.O. Romão & V.C. Souza – a. flowering branch; b. stamen in front, lateral and behind view; c. flower; d. calyx in detail; e. fruit (*Hind & Queiroz 50046*).

1,7 cm lata, coriacea usque rigido-coriacea; lamina elliptica usque obovata, margine integra leviter revoluta utrinque, sparse pubescentia et hispido-glandulosa, densior ad costam nunquam scabra. Flores 5–8; rhachis 1,4–3,8 cm longis, sparse vel subdense pubescens et hispido-glandulosa; bractea 3–7 mm longa, bracteolae 2–4 mm longae. Hypanthium hispido-glandulosum; calyx 1,5–3 mm longus, ciliatus et ad basin et marginem subdense hispido-glandulosus; corolla urceolata usque tubuloso-urceolata, 6–9 mm longa, rubra vel rosea, subdense pubescens. Fructus 4–9 mm diam., generatim costatus, ruber vel vinosus.

Haec species proxime affinis est Gaylussacia setosa Kin.-Gouv., a qua folis et ramis sparse hispido-glandulosis nunquam scabris, trichomatibus simplicibus et glandulosi albis et folis minoris, 1,4–3,2 cm longis, 0,6–1,7 cm latis praecipue differt.

Subarbusto a arbusto, 0,3–1 m alt., base ereta, copa virgada. Tricomas simples, alvos, e tricomas glandulares fino-alongados presentes nos ramos, folhas, flores e frutos. Ramos lisos, moderadamente pubescentes e esparsamente hispido-glandulares; râmulo densamente foliado, ramos velhos desfoliados, catáfilos decíduos. Folhas não imbricadas, 1,4–3,2 × 0,6–1,7 cm, coriáceas a rigidamente coriáceas, levemente discolorés; limbo elíptico a obovado, raramente oblongo ou suborbicular, ápice agudo a obtuso, mucronulado, com glândula apical espessocapitada, base obtusa a arredondada, margem inteira, levemente revoluta a revoluta próxima da base, ambas as faces esparsamente pubescentes e hispido-glandulares, mais densamente na nervura central, nunca escabras; nervuras levemente proeminentes na face superior, elevado-proeminente na inferior; pecíolo 1–2 mm compr., pubescente e hispido-glanduloso. Racemos paucifloros, axilares; flores 5–8; brácteas basais ca. 1 mm compr., suborbiculares; ráquis 1,4–3,8 cm compr., esparsa a moderadamente pubescente e moderadamente hispido-glandular; bráctea floral 3–7 mm compr., elíptica ou rômbrica a obtrulada, moderadamente pubescente e hispido-glandular nos bordos; bractéolas 2–4 mm compr., lanceoladas a setiformes, inseridas na porção basal do pedicelo. Flores congestas; pedicelo 5–11 mm compr.; hipanto densamente hispido-glandular; cálice 1,5–3 mm compr., ciliado e moderadamente hispido-glandular na base e bordos dos lobos, lobos longamente triangulares; corola urceolada

a tubuloso-urceolada, 6–9 mm compr., vermelha ou raramente rosada, moderadamente pubescente em ambas as faces; estames 5,5–6 mm compr., filete densamente viloso; disco nectarífero glabro; estilete 6–8 mm compr., glabro. Fruto 4–9 mm diâm., depresso-ovóide, costado ou liso quando maduro, verde-avermelhado a vináceo, moderadamente hispido-glandular.

Ocorre na Cadeia do Espinhaço na Bahia e em Minas Gerais, entre altitudes de 1.200–1.700 m.

Presente em campos rupestres, abertos ou entre rochas, menos comumente em campos alagáveis, sobre solo areno-pedregoso. Floresce de dezembro a janeiro e em março e frutifica de janeiro a março.

Essa espécie assemelha-se à *Gaylussacia setosa* por apresentar indumento dos ramos e folhas longamente hispido-glandular. Porém, diferem quanto à densidade e cor deste indumento, tamanho das folhas e distribuição geográfica. Enquanto *G. setosa* possui ramos e folhas densamente hispido-glandulares, escabras, com tricomas ferrugíneos, folhas 3,4–6,9 × 1,8–4 cm e é endêmica do Pico do Itambé, MG, *G. rupestris* possui ramos e folhas esparsamente hispido-glandulares, nunca escabros, com tricomas alvos, folhas 1,4–3,2 × 0,6–1,7 cm, sendo encontrada apenas na região de Abaíra, BA, e arredores de Diamantina, MG.

Gaylussacia rupestris foi assim designada por possuir uma ampla distribuição nos campos rupestres brasileiros.

Material examinado: BRASIL. BAHIA: Abaíra: Campo de Ouro Fino, 13°15'S 41°54'W, 1.600–1.700 m, 6.II.1992, fr., *E.N. Lughadha et al. 51043* (BHCB, ESA, HUEFS, K, SP, SPF, UEC). Catolés de Cima, 13°16'S 41°53'W, 1200 m, 25.XII.1992, fl., *R.M. Harley et al. 50372* (HUEFS, K, SPF). MINAS GERAIS: Diamantina, em direção a Curvelo, 18.XII.2003, fr., *V.C. Souza et al. 29663* (ESA). Gouveia, estrada Gouveia-Congonhas do Norte, 14.III.1999, fl. e fr., *V.C. Souza & J.P. Souza 22302* (ESA).

Gaylussacia luizae G.O. Romão & V.C. Souza, *sp. nov.*
Tipo: BRASIL. MINAS GERAIS: Santana do Riacho, Serra do Cipó, Fazenda Boa Esperança, 13.II.1996, fl., *R.C. Forzza et al. 192* (holótipo ESA!; isótipo SPF!).

Fig. 2

Frutex 1 m altus, fastigiatus. Trichomata simplices, alba, et glandulosis in foliis. Rami glabri, ramuli dense villosi usque setosi, glandulis clavatis. Folia (1,9)2,6–3,6 cm longa, 0,7–1,2 cm lata, subcoriacea; lamina obovata usque oblanceolata,

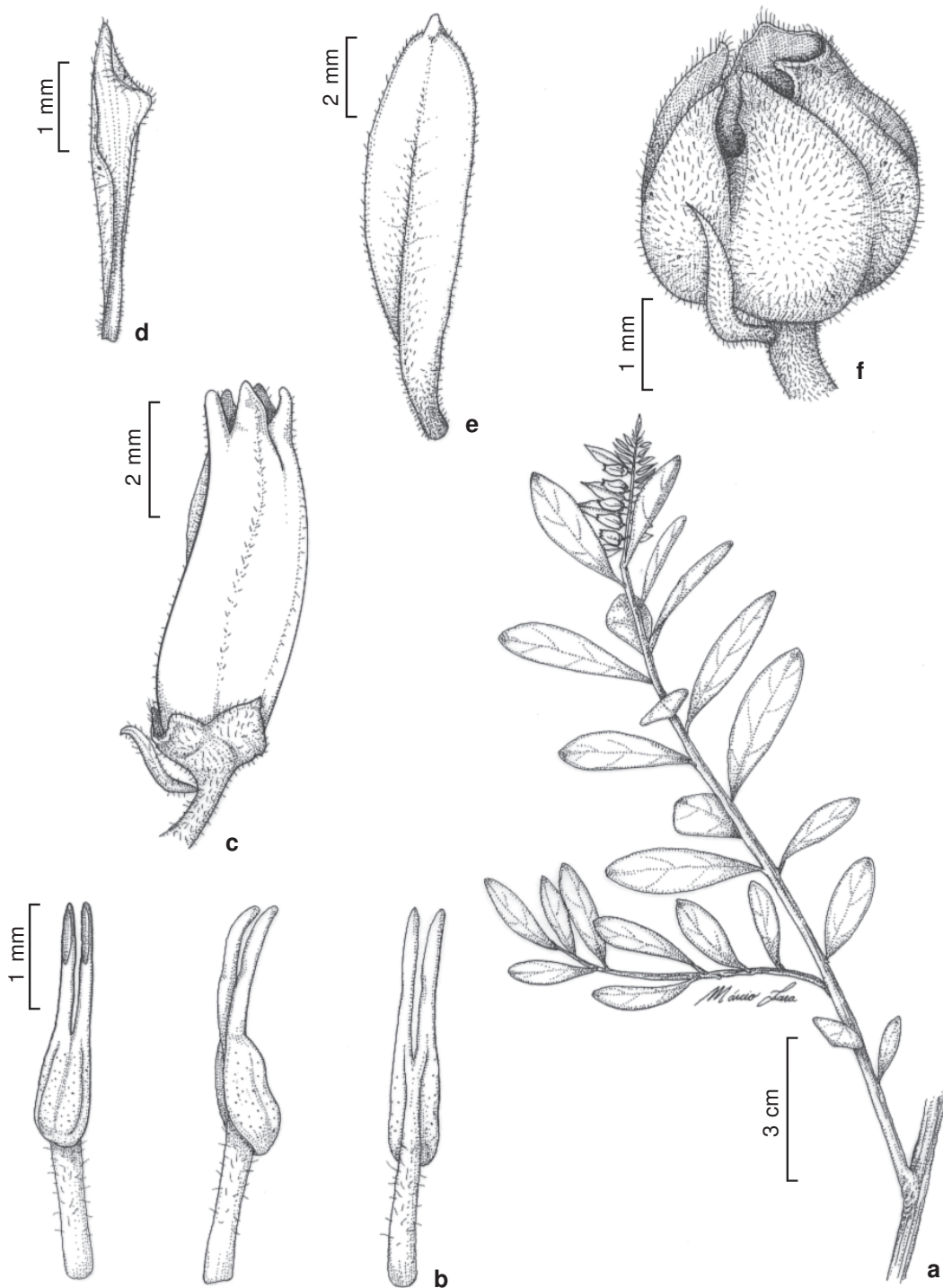


Figura 2 – *Gaylussacia luizae* G.O. Romão & V.C. Souza – a. ramo fértil; b. estames em vista frontal, lateral e dorsal; c. flor; d. bractéola; e. bráctea; f. fruto (Forzza et al. 192).

Figure 2 – *Gaylussacia luizae* G.O. Romão & V.C. Souza – a. flowering branch; b. stamen in front, lateral and behind view; c. flower; d. bracteole; e. bract; f. fruit (Forzza et al. 192).

marginem integra, revoluta in ambabus superfiebus sparse villosa usque setosa, densior ad costam, et hispido-glandulosa, glandulis clavatis. Flores 5–11; rhachis 1,3–3,4 cm longa, dense villosa usque setosa, glandulis clavatis; bractea 5–11 mm longa; bracteolae 1–4 mm longae. Hypanthium dense villosum, setosum, glandulis clavatis; calix ca. 1 mm longus, sparse villosus, setosus, glandulis clavatis; corolla urceolata vel tubuloso-urceolata, raro teres, 4–6 mm longa, alba, ad angulum sparse tomentosa. Fructus 2–3 mm diam., ovatus, viridis.

Haec species proxime affinis est Gaylussacia retusa Mart. ex Meisn., a qua foliis obovatis usque oblanceolatis, calyce undique villosis, setosis, trichomatibus simplicibus, corolla alba et maiora, 4–6 mm longa praecipue differt.

Arbusto, ca. 1 m alt., base ereta, copa fastigiada. Tricomas simples, alvos, geralmente patentes, presentes nos ramos, folhas, brácteas, ráquis, flores e frutos, tricomas glandulares fino-alongados nas folhas. Ramos lisos, glabros, râmulo densamente viloso a setoso, com glândulas clavadas, rubras ou nigricantes; râmulo e ramos adultos densamente foliados, catáfilos decíduos. Folhas não imbricadas, (1,9–)2,6–3,6 × 0,7–1,2 cm, subcoriáceas, discoloras; limbo obovado a oblanceolado, ápice arredondado a agudo, mucronulado, com glândula apical espesso-alongada, base aguda, margem inteira, revoluta, ambas as faces esparsamente vilosas a setosas, mais densamente na nervura central, esparsamente hispídulo-glandulares na nervura central, com glândulas clavadas, rubro-nigrescentes a amareladas, nervuras proeminentes em ambas as faces; pecíolo 2–4 mm compr., densamente viloso a setoso, com glândulas clavadas. Racemos multifloros, terminais; flores 5–11; brácteas basais 1–4 mm compr., elípticas ou triangulares, apenas ciliadas, com glândula apical cônica; ráquis 1,3–3,4 cm compr., densamente vilosa a setosa, com glândulas clavadas esparsamente dispostas; bráctea floral 5–11 mm compr., elíptica a oblanceolada, apiculada, esparsamente vilosa, densamente nos bordos, com glândulas clavadas; bractéolas 1–4 mm compr., linear-setiformes, inseridas da porção basal até apical do pedicelo. Flores laxas; pedicelo 1–2 mm compr.; hipanto densamente viloso, setoso, com glândulas clavadas esparsamente dispostas; cálice ca. 1 mm compr., esparsamente viloso, setoso e glanduloso como o hipanto, lobos

triangulares; corola urceolada ou tubuloso-urceolada, raramente cilíndrica, 4–6 mm compr., branca, esparsamente tomentosa nos ângulos; estames ca. 4 mm compr., filete tomentoso, com glândulas clavadas; disco nectarífero glabro; estilete 4–6 mm compr., glabro. Nuculânio 2–3 mm diâm., ovóide, esverdeado, densamente viloso quando imaturo, com glândulas clavadas.

Conhecida apenas em duas localidades na Cadeia do Espinhaço, uma na Bahia e outra em Minas Gerais.

Presente em campos rupestres próximos a afloramentos rochosos. Floresce em fevereiro e setembro. Frutifica em setembro.

Essa espécie assemelha-se à *Gaylussacia retusa* por apresentar folhas em geral subcoriáceas, esparsamente revestidas por tricomas glandulares e corola urceolada ou tubuloso-urceolada e tomentosa. Contudo, diferem quanto ao formato das folhas, indumento do cálice, coloração e tamanho da corola. Enquanto *G. retusa* possui folhas elípticas a largamente obovadas, cálice com tricomas glandulares robustos apenas nos bordos dos lobos, corola vermelha a rosada e de 5–8 mm de comprimento, *G. luizae* apresenta folhas obovadas a oblanceoladas, cálice inteiramente viloso, setoso, apenas com tricomas simples, corola branca e de 4–6 mm de comprimento.

Gaylussacia luizae foi assim designada em reconhecimento ao trabalho desempenhado pela botânica Luíza Sumiko Kinoshita (UEC) no estudo das Ericaceae do Brasil.

Material examinado: BRASIL. BAHIA: Mucugê, estrada para Guiné, 7.IX.1981, fl. e fr., A. Furlan et al. CFCR 2023 (SPF, UEC).

Agradecimentos

Os nossos sinceros agradecimentos ao Sr. Márcio Stefanelli Lara as ilustrações, e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo ao apoio financeiro (Processo nº03/13061-6).

Referências

- Judd, W.S.; Campbell, C.S.; Kellogg, E.A. & Stevens, P.F. 1999. Plant systematics, a phylogenetic approach. Sinauer Associates Inc., Sunderland. 469p.
- Kinoshita-Gouvea, L.S. 1979. Estudos taxonômicos e fitogeográficos da família Ericaceae no Brasil. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo. 417p.
- Kinoshita-Gouvea, L.S. 1981. Novas espécies de Ericaceae para o Brasil: *Gaultheria sleumeriana*,

- Leucothoe chapadensis* e *Gaylussacia setosa*.
Revista Brasileira de Botânica 4: 125-130.
- Kinoshita, L.S. 1995. Ericaceae. In: Stannard, B.L.; Harvey, Y.B. & Harley, R.M. (eds.). Flora of the Pico das Almas, Chapada Diamantina-Bahia, Brazil. Royal Botanical Gardens, Kew. Pp. 291-296.
- Luteyn, J.L.; Judd, W.S.; Clemants, S.E.; Diggs, G.M.; Sørensen, P.D.; Dorr, L.J.; Wallace, G.D. & Stevens, P.F. 1995. Ericaceae – Part. II. The superior ovaried genera. Flora Neotropica. Vol. 66. The New York Botanical Garden, New York. 561p.
- Meissner, C.F. 1863. Ericaceae. In: Martius, C.F.P. (ed.). *Flora brasiliensis*. Vol. 7. Pp. 118-182.
- Silva, R.R. & Cervi, A.C. 1999. *Gaylussacia novae* (Ericaceae) Brasilia australi nuper inventae. Fontqueria 54: 1-6.
- Sleumer, H. 1967. Die gattung *Gaylussacia* H.B.K. Botanische Jahrbücher für Systematik, Pflanzengeschichte und Pflanzengeographie 86: 309-384.